

Criança ainda, quando lá vivia,
uma grande alegria dominava
o povo de Andrelândia que sorria
quando, por lá, algum circo passava.

Lembro-me bem... bem próximo ficava,
estava atento a tudo, tudo via...
Uma grande emoção me acalentava
quando a lona ondulante ao céu se erguia.

Noite de estreia... circo sempre cheio!
Palhaços... shows... plateia deslumbrada!
Globo da morte... em nós, quanto receio!

Dramas famosos, tantos bons artistas!
Tudo era tão perfeito, porém nada
era perfeito como os trapezistas.

Daniel José Teixeira, O circo

Rica de sonhos de pureza e graça
nas passarelas pela vida inteira,
nem se apercebe que o desfile passa,
que o carnaval findou na quarta-feira.

Nossos momentos de afeição primeira
depois do fim da festa mais devassa,
trazem lembranças da vez derradeira,
em nosso banco de jardim na praça.

Fui procurá-la num lugar qualquer,
quando surpreso não cuidei sequer
que o seu prestígio ficou por aí.

Que remoendo as ilusões amargas
não brinca mais na Presidente Vargas,
e nem desfila na Sapucaí.

Josué Anacleto Vieira, Nossos momentos

– O senhor mora só? – Pergunta-me a Tristeza.
Eu lhe digo que sim (sou viúvo e por isso,
quando alguém me visita eu pareço submisso)
...e ela entra, de manso e vai sentar-se à mesa.

A Tristeza, gentil, sabe usar seu feitiço
(qual das almas – disse – que não se torna presa
ao carinho sutil que lhe abale a defesa?)
...e quando me dou conta, estou a seu serviço.

E agora o que fazer? Como livrar-me dela?
Quando penso em tornar atitudes mais bruscas,
um amigo cochicha a solução singela:

– Encontre um novo amor, pois, quando ele vier,
há de trazer consigo o antídoto que buscas.
A Tristeza, bem vê, não gosta de mulher.

Miguel Russowsky 1923-2009, Terapêutica para a tristeza

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 03 – 2013 MARÇO
Assinatura até 31.12.13: 09 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Fatigados viajeros de la Vida. A la vera del áspero
sendero, la piedra de Jacob aguarda... Ungidla con el
oleo del amor divino. ¡Dormid el sueño milagroso que
asciende, y baja de la tierra al cielo y del cielo al
corazón! ¡Amar es subir a Dios por la escala de los
ángeles!

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz,
Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

A vida é a luta constante
entre a vontade e a razão...
Leva na lança, triunfante,
retalhos do coração.
Colombina, 1103
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Sertanejo na viola
é a voz da terra gretada
suplicando pela esmola
da chuva há tanto esperada.
Dorothy Jansson, 1212 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

Sou a doce e fiel lagrima
que num cristal convertida
um dia compôs a rima
de um verso de despedida
Frances de Azevedo, 1212 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Na sua grande humildade
de nem mesmo saber ler,
soube cultivar bondade
nos filhos que veio a ter...
Gertrudes Greco, 1104
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

Hoy las mujeres morenas
quieren llevar pantalones
y alguna los llevan ya
mucho mejor que los hombres.
Jota
Dança e canto tradicionais espanhóis,
de ritmo ternário.

Quem se propõe ter sucesso
evita desvio e atalho,
segundo, sem retrocesso,
pela via do trabalho.
Wanda de Paula Mourthé, 1301 Trinos
do Pitiguari: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

A chusma, da má vontade,
comigo, assaz, se ressentem;
porque, em minha humildade,
sou altivo, e independente...

Oh! engendro, da maldade,
tu, que zombas, e magoas...
não vês, que é mediocridade,
menosprezar, as pessoas?...

Diante, do branco, arrogante,
com a raça, não tem zelo;
por isso é, que tem bastante,
negro, que alonga, o cabelo...

Meu pai, era assaz, austero,
guardião, da severidade,
porém, íntegro, e sincero...
cânone, de dignidade...

Conviver-se, em paz, sobeja,
é demais, gratificante...
côa falange, benfazeja,
que respeita, o semelhante...

Neste sistema, impostor...
injusto, e demais, nefário...
não dão, respeito, e valor,
ao educador, primário...

Pedro Grilo, em Quatro Versos, Janeiro 2013 – Ano XII / Nº 121 – Trinos do Pitiguari.: Rua Guanabara 542: 59014-180 – Natal/RN

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao
lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel,
com nome, endereço e assinatura. Despachá-la
normalmente pelo correio e/ou e-mail com
nome, endereço e CEP do remetente, até o dia
30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devida-
mente numerada, a relação dos haicus desse
mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e
sem a devida correção em tempo hábil), afim de
selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.03.13, enviar até 3 haicus de quigos: Azaléia, Pitanga, Quermesse.

Até o dia 30.04.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Avó, Paina, Rio seco.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82

05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuista
selecionador (em cima e à direita do papel)
e, em seguida, um abaixo do outro, o núme-
ro e o texto de cada haicu assim escolhido.
Não se escolherá haicus de própria lavra,
pois serão anulados, bem como os que forem
destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os
votos assim enviados), será dado por volta
do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Conversa animada
sapecada de pinhão
na roda de amigos.
Claudete Camargo

Ainda na cama
o barulhinho da chuva
já penso nas férias.
Gabriele Reksua

No céu bem azul
não vejo nenhum pássaro
mas ouço o canto.
Juliana Jech

Caminho da escola
procuro por todo o céu
não vejo as nuvens.
Leonardo de Almeida Fillus

Na cama quentinha
ouço o barulho da chuva
volto a dormir.
Marina Lira

O sono do gato
à sombra da quaresmeira
coberta de flores.
Matilde Domingues

Depois da chuva
por entre algumas nuvens
o brilho da lua.
Paola Jordana Gonçalves

Grêmio de Haicai Chão dos Pinheiros, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel



HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Arroz da seca,
colhendo-se apressado.
Outono acabando. H
Alberto Siuffi

Dia da Mulher!
Entre lagrimas e abraços,
Mães, santas *marias!*
Amália Marie Gerda

Poetas inspirados...
Que suavidade no ar!
Dia da Poesia. H
Djalda Winter Santos

No sarau, também
recitação de poemas.
Dia da Poesia. C
Flávio Ferreira da Silva

Sob a viração
o amarelo se move.
Arrozal de outono. C
Manoel F. Menendez

Dia do Sogro.
Ancião abraça o moço
e é presenteado.
Manoel F. Menendez

Comemoração
pelo Dia da Poesia –
sarau literário. H
Renata Paccola

Alto um vento forte
ondulando a imensidão
do arrozal de outono... A
Amália Marie Gerda

Após a colheita,
nos grãos que ficam espalhados,
graúna regala!
Cecy Tupinambá Ulhôa

A mesa está posta,
sobremesa tangerina.
Cheiro tentador!
Djalda Winter Santos

Na fruteira,
bergamotas e bananas.
Algumas laranjas. H
Flávio Ferreira da Silva

Na sala de aula,
livros abertos; leitura.
Dia da Poesia. H
Manoel F. Menendez

Caroço tirado,
fileira de grãos de milho.
Sabugos no chão.
Manoel F. Menendez

Dia da Poesia
reúne vários autores
na Praça da Sé.
Renata Paccola

Dia da Poesia!
O estudante, enamorado,
declama um poema. C
Amália Marie Gerda

Prontinho o refresco,
já se adivinha de longe:
pura bergamota! H
Djalda Winter Santos

Artistas e povo,
todos a comemorar
o Dia do Circo.
Djalda Winter Santos

Dia do Sogro:
grande comemoração.
Ufa, sogra ausente.
Flávio Ferreira da Silva

Aspira no pé
a bergamota madura.
Olhos fechados. H
Manoel F. Menendez

Salário baixos
dizem os noticiários.
Dia da Mulher.
Manoel F. Menendez

Em oito de março,
restaurantes dão presentes
só para mulheres.
Renata Paccola

Cheiro forte no ar...
Garotos matam a sede
com a bergamota. C
Amália Marie Gerda

Lavrador contente,
já pronto para a colheita:
arrozal de outono. H
Djalda Winter Santos

Grupo de jograis
se apresenta no teatro.
Dia da Poesia. A
Flávio Ferreira da Silva

Vestiu roupa nova,
produziu-se como nunca.
Dia da Mulher.
Flávio Ferreira da Silva

O cofo vai, rápido,
ficando cheio de grãos.
Colheita de arroz.
Manoel F. Menendez

De seu helicóptero,
fazendeiro sobrevoa
arrozal de outono. C
Renata Paccola

Susto ao despertar
esposa conta tragédia.
Primeiro de Abril.
Renata Paccola

A F A R S A D O M E S T R E P A T E L I N

Adaptação de Pahelin ou Patelin (*Afarsa de Mestre Pierre*), farsa de autor desconhecido, escrita por volta de 1464. 16 edições antes de 1550. Ingrida baseada exclusivamente na psicologia dos personagens e aborda, duas vezes, o tema do enganador-enganado: um rábula que extorque uma peça de fazenda do vendedor Guillaume e, por sua vez, é enganado por um modesto pastor. Apresentada por volta de 1970 na Paróquia de São Cristóvão, São Paulo, SP.

Nossa homenagem e em memória de Mário Benvenuti (juiz, cenógrafo e seleção musical), Rogê (Roger) e Marcos (Guilherme); e, mais, Flávio (Patin), Manoel (Silvestre), Celso (Tomas) e Roberto de Lucia (Direção).

CONCLUSÃO CENA III
GUI (Guilherme) TO (Tomas) SIL (Silvestre)
PA (Patin)

GUI (saindo de casa) É evidente que Deus
me mandou o diabo para castigo de
meus pecados. Vou já, já confessar os meus
excessos de comércio. Ah! O demônio do lucro
assalta muitas vezes os comerciantes!
Ave Maria, cheia de graça, vou aproveitar a

lição. (saída falsa; música, entra Tomás Cordeirinho, que percorre a cena coçando a cabeça; representa preocupação; Guilherme em cena)
TO Ah! Meu patrão!
GUI Ah! Eis uma história bem diferente. E a ocasião sem par de cair em pecado de ira. Tomás Cordeirinho, meu pastor!
TO (num tom meloso, fingindo-se inocente) Deus lhe dê bom dia, bons negócios e bom repouso. Cumprimento o meu bom patrão.

GUI Ah! grande malandro, rei dos ladrões,
devolva a fazenda que me roubou...
TO A fazenda?
GUI Os carneiros que há três anos você degola para vender ao açougueiro. Vamos, seu malandro, minhas seis varas.
TO Que varas? GUI Não minta, eu vi você no estábulo, degolando os meus carneiros.
TO Eles estavam doentes.

GUI E os outros?
TO Eu queria proteger o resto do rebanho.
GUI Pensa que eu vou nessa cantiga?
TO Por piedade.
GUI Que piedade! Aos tribunais.
TO Demandaremos.
GUI Bom proveito!
TO Veremos. (Guilherme sai, Tomás vai bater à porta de Patelin) Ó Silvestre...
SIL (de dentro, sua voz) Quem é?

TO	Tomás.	PA	Como um cordeirinho inocente que acaba de nascer: bééé...	GUI	E falava do meu falecido pai para me adoçar a boca...	GUI	Ora essa...
SIL	(ainda sua voz) Que te traz?	SIL	Experimente!	JU	O senhor está confuso, senhor Guilherme. (a Pathelin) Mestre, fale. Exponha o ponto de vista do seu cliente.	JU	E ainda se dê por feliz se não o citamos por irreverência contra a Justiça e o advogado de defesa.
TO	Uma demanda. (Silvestre sai)	TO	Bééé!	PA	Declaro à Justiça que este senhor – que, diga-se de passagem, não parece muito bom da cabeça.	GUI	Oh!
SIL	Uma demanda?	PA	Mas, uma vez solto, além deste dinheiro, você me dará imediatamente os trinta escudos que estão embaixo de seu colchão.	JU	Essa é boa demais...	JU	Tenho dito. (a Tomas) Quanto a você meu amigo, volte a seu rebanho.
TO	Mestre Pedro Pathelin está aí?	TO	Bééé.	GUI	Este senhor sonegou o salário a esse pobre pastor.	PA	Bééé...
SIL	Depende...	PA	Esta quase na hora da audiência. Vamos embora. (dispersam-se; Pathelin e Silvestre voltam à sua casa)	JU	Meu Deus, o senhor tem...	PA	Pode retirar-se, o tribunal o absolve.
PA	(de dentro, sua voz) Ele tem dinheiro?			PA	O salário?	TO	Bééé...
TO	Que diz ele?			JU	O tecido?	PA	Agradeça ao senhor Juiz, meu amigo.
SIL	Tens dinheiro?			PA	Os carneiros!	TO	Bééé...
TO	Tenho.			PA	Meu constituinte, que eu defendo gratuitamente, por amor da humanidade e da simplicidade explorada...	JU	É isso mesmo. Vá-se embora.
SIL	(para dentro) Ele tem.			GUI	É ele. Daria a cabeça a cortar como é ele...	GUI	Eu apelo!...
PA	(ainda sua voz) Mostra primeiro.			JU	Silêncio.	JU	A audiência está encerrada. E dou-lhe um conselho: tome um remédio qualquer para clarear as ideias. Vá, senhor, vá, vá!
SIL	Deixa ver.			PA	Meu constituinte nega todas as acusações levantadas contra ele.	PA	Será preciso pedir ajuda? Devo expulsá-lo pela força armada?
TO	(tirando de sob a blusa, uma bolsa) Aqui está. (entra Pathelin)			JU	(a Tomás) O senhor nega?	JU	Oh! (retira-se).
PA	(pega a bolsa) Obrigado.			TO	Bééé...	JU	Parabéns, mestre Pathelin, por sua comente alocação. Apreciei-a muitíssimo.
TO	Paga-se adiantado?			PA	Ele pensa que está no meio de seu rebanho.	PA	Vinha do coração
PA	(conta o dinheiro) As primeiras despesas. Quem é você?			JU	Não tenha medo. Responda.	JU	Eis o segredo da verdadeira eloquência. Até a vista. (música; o juiz sai pelo fundo)
SIL	É um velho companheiro, Estivemos juntos...			TO	Bééé...		
PA	Na prisão?			JU	Esta zombando?		
SIL	Quase.			TO	Bééé...		
PA	Qual é a questão?			PA	É um pobre de espírito.	PA	(Tomas Cordeirinho vai sair) Ei, Cordeirinho! Cordeirinho!
TO	Uma questão de carneiros...			JU	Parece mesmo.	TO	Bééé...
PA	Conte.			PA	Mande-o guardar seu rebanho.	PA	Que tal? Aconselhei bem?
TO	É o seguinte: os carneiros que eu levava a pastar e guardava por conta do meu patrão...			GUI	Ah! perdão, deixe-me antes contar o que houve.	TO	Bééé...
PA	Que lhe pagava pouco.			JU	O senhor não diz coisa com coisa.	PA	A encenação não foi bem imaginada?
TO	O senhor o conhece?			GUI	Senhor Juiz, eu não estou louco.	TO	Bééé...
PA	Todos os patrões pagam pouco. Se você fosse patrão, pagaria mais?			JU	Então fale com clareza.	PA	De sua parte, você parecia um imbecil perfeito!
TO	O menos possível.			GUI	Ele degolou meus carneiros... Eu vi. E, quanto ao advogado, reconheço-o pela voz, pelos gestos, pela cara... É ele, é o meu ladrão!	TO	Bééé...
PA	Continue.			JU	Os carneiros!	PA	O dinheiro.
TO	Devo dizer tudo?...			PA	Pergunto-lhes, senhores jurados: não é uma vergonha arrastar à Justiça um infeliz inocente por três ou quatro pobres animais que não valem quanto tostões?	TO	Bééé...
PA	Ao advogado, deve-se dizer tudo.			GU	É de tecido, é de fino tecido que se trata, e é a você, Pathelin, que eu falo.	PA	Os trinta escudos que estavam debaixo do seu colchão.
TO	Desses carneiros, eu degolava alguns.			JU	Esse aí não deixará de zurrar.	TO	Bééé...
PA	E os vendia por sua conta?			PA	Admitamos mesmo que esse infeliz, mal pago, mal nutrido, tenha, um dia, acossado pela fome, degolado um ou dois, ou mesmo setenta carneiros. Que importa? Este rico negociante não explorou o suficiente a pobreza de espírito desse pastor...	PA	Agora, como ficou combinado.
TO	Alguns. O resto eu comia.			JU	Assim... em baixo do braço...	TO	Bééé...
PA	Muito bem.			JU	Continue, mestre, continue.	PA	Chega de representar.
TO	Tantos e tantos surruepei, que no fim... seu patrão deu pela coisa.			PA	Que a justiça se digne considerar de um lado, este pobre farrapo de humanidade e, de outro, a opulência que se exhibe cnicamente.	TO	Bééé...
TO	Apanhou-me em flagrante.			JU	E eu digo que você me roubou seis varas e são duzentos e cinquenta escudos que ele me deve.	PA	Bééé... (Tomás foge, fazendo "fiuu")
PA	Desastrado!			JU	Chega. Está encerrada a questão. Absolvemos o pastor e condenamos o queixo-	PA	Meus trinta escudos...
TO	Tenho que repor na próxima audiência... À força...					SIL	Estão longe. Quero ser enforcado se você os verá.
PA	A que estamos todos sujeitos...					PA	Oh!
SIL	Claro.					SIL	Aqui termina esta farsa. Serve de exemplo e receio com a moral do provérbio: A esperto, esperto e meio!
TO	Não há meio de me salvar?						(musicado final)
PA	São trinta escudos.						
TO	Só tenho dez.						
PA	É pena, eu começava a interessar-me por sua causa, ainda que seja má.						
TO	Procurando bem, em baixo do colchão, eu acharia...						
PA	Muito má.						
TO	...dez outros escudos.						
PA	Excessivamente má.						
TO	Vinte, talvez.						
PA	Escute: toda causa é boa a quem paga honestamente. Quantos carneiros subtraídos?						
TO	Vendidos ou comidos, setenta, em três anos.						
PA	É pouco.						
TO	Tire-me desse, senhor advogado,...						
PA	É pouco. Cale-se, estou pensando.						
SIL	Psiiiu!						
PA	Ele se chama?...						
SIL	Tomás, vulgo Cordeirinho.						
PA	Cordeirinho... Olhe para mim. Faça uma expressão idiota. Sabe olhar vesgo? Experimente um pouco, para ver. Bem. Ponha os pés para dentro. Os braços caídos. A boca aberta. O nariz comprido. Sabe balir?						
TO	Balir?						

Abre os braços à saudade, dê-lhe o mais profundo abraço. Com ela, a oportunidade de me ver sempre contigo. Batidas em demasia, graças a Deus não fatais... Se muito o carro bebia, o dono bebia mais! Inocência é pranto e riso, que puro nossa alma alcança, vindo lindo e sem aviso do sentir de uma criança.

Lembra minha alma sozinha, bem no finzinho da tarde, toada de uma rolinha, a reclamar da saudade! Minha lembrança não erra, quando busca e ainda vê a velha trilha de terra que desemboca em você. Na rua passou sufoco o turista, coitadinho, tentando furar o coco com um simples canudinho!

Nossa eterna juventude até pode ser verdade, pois velho que tem saúde preservou a mocidade. Nosso grande encantamento, quando a julgar eu me ponho, é o encanto do momento do nosso primeiro sonho. O homem, depois da jornada, vê que a ventura ficou nos pedacinhos de nada sobre os quais ele pisou.

O paciente trocado tinha apendicite apenas, mas que sufoco danado pra aguentar as três safenas! Por mais que eu seja prudente, o tempo é muito apressado... mal considero o presente, ele já vira passado! De um sentimento profundo, no silente ou no escarcéu, prosa é linguagem do mundo, o verso a José Feldman, http://www.singrandohorizontes.blogspot.com.br

Registrando alguma ausência, contabilidade ingrata, nosso amor pediu falência, desistiu da concordata! Sempre longe vida aforta, tu voltaste e eu descobri que me ajustei à demora mas desajustei de ti. Tua ausência faz afrita, triste e desesperançada, a caminhada infinita, em teus lábios começada.

Vamos, sonhar e sorrir esse é o remédio ideal, não nos preocupe o porvir, pois só o presente é real. Vou morder, em meio às juras, sem te dar qualquer aviso, as pitanguihas maduras que cercam o teu sorriso! Vassoura de bruxa arrasa, é enorme a sua ação, depois de limpar a casa, inda vira condução!